

A TONICIDADE DA FRIEZA NA SOCIEDADE DE EMOÇÕES TRANSPARENTES*

KATI CAETANO**

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Curitiba, PR, Brasil.


JÚLIO CÉSAR RIGONI FILHO***

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Curitiba, PR, Brasil.

Recebido em: 17 set. 2025. Aceito em: 14 out. 2025.

Como citar este artigo: CAETANO, K.; RIGONI FILHO, J. C. A tonicidade da frieza na sociedade de emoções transparentes. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 3, p. 20-40, set./dez. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n3p20-40

* Parte desta pesquisa foi apresentada na modalidade de apresentação oral no VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES), no simpósio “O fazer semiótico como um fazer político”, realizado na Universidade de São Paulo (USP) entre os dias 1º e 4 de julho de 2025. Os autores agradecem as contribuições e discussões promovidas pelos pesquisadores e participantes do evento.

** E-mail: katicaetano@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-8385-1390>
Bolsista produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

*** E-mail: julinhorigoni@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-5151-1623>
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (PDSE-202537905160).

Resumo

A frieza pode ser considerada a partir de uma perspectiva tanto circunstancial quanto estrutural, em relações pessoais ou coletivas. Nosso foco está na frieza diante dos males da humanidade e decorrentes de interações predatórias manifestadas midiaticamente e nas redes digitais. Sua historização, em diversos pensamentos críticos, aponta uma trajetória a qual, de forma semiótica, delineia-se como resultado de um percurso passional que remonta à constituição da sociedade moderna. Manifestações de frieza podem, em maior ou menor grau, agenciar formas de manipulação, de conjunção ou separação, envolvendo mecanismos de ordem cognitiva, passional e pragmática. Ainda, expressam-se por meio de valores, estratégias, práticas e formas de vida, marcados por componentes figurativos e discursivos.

Palavras-chave

Frieza. Paixões. Enunciação.

INTRODUÇÃO

Elegemos a frieza como escopo de nossa discussão porque entendemos estar implicada em uma série de manifestações passionais que estão no centro de debates atuais, sobretudo pela situação de polaridade instigada por fatores de ordem política. A princípio, associar a frieza a paixões no eixo das disputas ideológicas e partidárias, e mesmo associá-la ao domínio passional como um todo, parece paradoxal. Afinal, a frieza, assim como a indiferença (Marsciani, 1984), pode situar-se em um ponto neutro que não contempla nem paixões consideradas benevolentes, nem malevolentes, uma vez que *não quer fazer bem* ou *não querer fazer mal* a um outro (Barros, 1990).

Adentrando o campo da semiótica tensiva e sensível a partir de Fontanille e Zilberberg (2001), com base no pressuposto de que ambas as dimensões são correlacionadas, a paixão pode ser concebida “como matéria de investigação da práxis enunciativa sob a forma de taxionomias conotativas” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 296). No caso deste artigo, busca-se investigar como a frieza é manifestada ou demonstrada nos discursos no ciberespaço, considerando o contexto no qual ela é acionada e na recorrência que apresenta culturalmente em interações com outrem.

Nesse sentido, deve-se considerar tal paixão a partir de uma perspectiva tanto circunstancial quanto estrutural, em relações de ordem pessoal ou nas interações em contexto social de grande desigualdade. Em termos individuais, pode ser requerida estrategicamente como contenção emotiva necessária, como demonstração de lugares devidos a cada um, como autossuficiência e *superioridade* (não seria essa a busca permanente do *blasé*?). Nosso interesse, porém, está voltado à frieza com respeito aos males da humanidade, ao sofrimento alheio decorrente de uma injusta estrutura socioeconômica. Para tal, o texto organiza-se em duas instâncias: a primeira consiste em uma discussão sobre a frieza/indiferença, cotejando pontos da filosofia e da semiótica das paixões; e a segunda visa ao exame, a partir das abordagens levantadas, de exemplos da mediatização da frieza, em discursos políticos e em conteúdos digitais, especialmente aqueles voltados a representar estados emotivo-passionais, como os *emojicons*.

SOBRE A FRIEZA/INDIFERENÇA

No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa encontra-se a expressão figurada *dar um gelo*, como o ato de “passar a tratar (alguém) com indiferença, frieza” (1999, p. 843). Podemos interpretar, sob uma perspectiva do senso comum, tal situação como um comportamento ou atitude de um sujeito que demonstra a ausência de emoção, ou uma insensibilidade. De modo geral, em termos semióticos, a emoção é característica de perturbações físicas e mentais bruscas, em um estado afetivo intenso, ao passo que a paixão é a inclinação, a perseguição, para um objeto. “Se falta à emoção o traço /duratividade/, este se inscreve firmemente na paixão. Podemos admitir que a emoção se transforma em paixão quanto ela molda o percurso inteiro do sujeito” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 282). Os autores alertam, no entanto, para um possível reducionismo e binarismo conceitual dessa noção.

Para este artigo, basta-nos compreender que a paixão é “afetada por um ritmo, uma escansão e uma pulsação [...] enquanto a emoção, nesse aspecto, não passaria de uma explosão, um ‘golpe’ ou um acento” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 283). Partimos do princípio de que a frieza é explicável historicamente, convertendo-se em um traço do sujeito ou da sociedade que imprime a marca de um projeto de vida, daí sua designação em termos passionais. A novidade é

que, na atualidade, circula com recorrência tônica e em extensividade, configurando um processo invertido em relação ao esquema lógico da tensão (+tônico/–átono; +intenso/–extensivo). Portanto, baseamo-nos nos postulados de Fontanille e Zilberberg (2001) sobre a intensidade tônica e a extensividade átona, vislumbradas normalmente como presentes de forma proporcional – quanto mais intenso/tônico, menos extenso/átono –, sem excluir a hipótese de um tensionamento às avessas que se ritma pela crescente manifestação da frieza e da indiferença tanto qualitativa quanto quantitativamente.

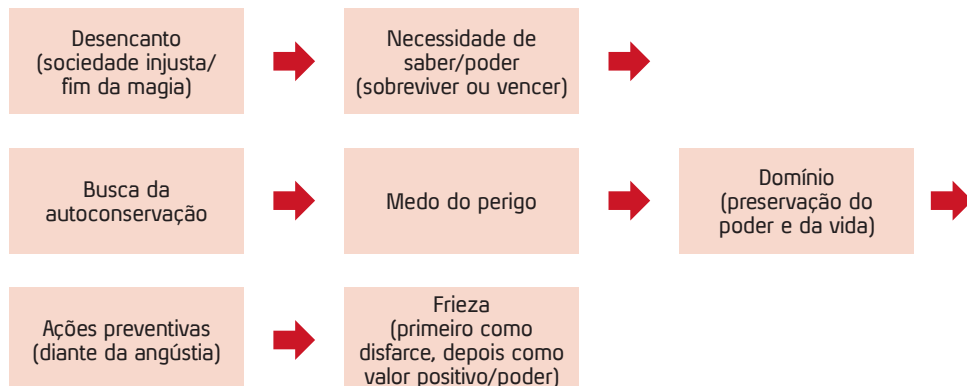
Se seguirmos uma perspectiva sócio-histórica, a frieza pode ser abordada semioticamente como fator integrado a certo percurso passional que remonta à constituição da sociedade moderna. Algumas vertentes são explicativas desse processo: na teoria marxista, a reificação do dinheiro e a transformação do ser humano em mercadoria destitui qualquer laço igualitário nas relações, do que derivam os problemas de classe; em Weber (2013), o racionalismo econômico gerador do desencantamento do mundo é propulsor do estado constante de frieza em face de uma sociedade injusta; em Adorno e Horkheimer (2014), a dialética do esclarecimento explica a destituição da visão mágica dos destinos pessoais e aponta o papel do saber científico e técnico – dos quais depende a autoconservação – como fatores relevantes para a atitude de frieza (Facci; Galuch, 2019). Nesta última perspectiva, a autoconservação mobiliza a lógica da dominação, sobre a natureza e os outros homens, bem como a percepção de que saber é poder.

Em todos esses teóricos, a frieza converte-se na nova subjetividade do capitalismo na esteira de uma trajetória que envolve o medo do perigo implicado na autoconservação, o princípio do domínio para a preservação do poder e da vida, a ação preventiva para evitar os riscos e as perdas geradora de uma angústia perene que deve ser disfarçada nessa frieza (Facci; Galuch, 2019). Não se trata, portanto, de um sentimento moral ou individual, mas de um traço específico do capitalismo, do espírito próprio dessa formação histórica (Weber, 2013).

Relatada nesses termos, a sequência histórica sugere o desenvolvimento de um percurso passional iniciado com o desencanto, como resultado da crise moderna, passando pela busca da autoconservação, pelo medo do perigo, das perdas e dos riscos, o qual demanda ações preventivas baseadas no saber técnico-científico e nas formas de domínio como preservação do poder e da vida. Assim, a frieza surge, primeiro, como dissimulação, despassionalização

necessária para garantir domínio sobre os outros; depois, como a constituição de um valor de mundanidade autossuficiente, conforme o esquema a seguir resume:

Figura 1 – Sequência sócio-histórica da frieza/indiferença na sociedade moderna



Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Para Theodore Adorno (2024), a submissão à qual os sujeitos são forçados, no seio de uma sociedade industrial, exige esforços para além dos campos racional e instrumental, gerando uma indiferença que bloqueia as capacidades humanas de amar. Forma-se, com isso, a instância do sujeito não-idêntico a si mesmo. A noção de não-idêntico adorniano não se localiza apenas na desproporção categorial entre o que determinado conceito afirma ser e o que realmente é: um sujeito que não faz parte de certa comunidade por não comungar da familiaridade do grupo.

Pucci (2012, p. 6) traz que “o não-idêntico é, pois, aquilo que o conceito reprime, despreza, rejeita. Seria aquele que se apresenta como estranho, proscrito, alienado. É o não-eu, o outro, o inferior”. Ainda, para Adorno (2024), as dinâmicas do amor possibilitam o encerramento do círculo da frieza social. O autor afirma que as tendências de amplificação das técnicas e de fetichização propulsionam uma carência na relação libidinal com o Outro, por isso as pessoas “são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor” (Adorno, 2024, p. 76). Aqui, o amor consiste em um contraconceito para revelar o não-idêntico, ou seja, a chance de os sujeitos tornarem-se sensíveis e repelirem a “frieza burguesa regida pelo primado dos interesses orientados pelo valor de troca” (Schütz, 2016, p. 122).

Adorno (2024) ressalta, no entanto, que o mero apelo ao amor não pode ser exigido como forma para superar a frieza, posto que o imperativo ao amor (como nas tradições cristãs) é parte de um espectro que perpetua a própria frieza, uma vez que “combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar” (Adorno, 2024, p. 77). Com esse raciocínio, o trabalho contra a frieza, para o filósofo, consiste em atravessá-la sem ignorá-la, reconhecendo as razões que a originam e compreendendo seus pressupostos, a fim de agir, no plano individual ou estrutural, sobre os motivos que levam o ser a manifestar frieza diante de determinadas ocorrências. Nessa perspectiva, coletivos de sujeitos que partilham afetividades comuns tendem, em certas circunstâncias, a se proteger para não correr o risco de desintegração em um contexto de competitividade social. Inclusive, foram justamente essas condutas que produziram o silêncio diante das situações de terror. “A frieza das mônadas sociais, do concorrente isolado, foi como indiferença ao destino dos outros, a condição para que bem poucos tivessem se agitado” (Adorno, 2024, p. 77).

Passível, portanto, de ser interpretada à primeira vista como uma atitude despassionalizada que se sustenta no simples raciocínio pragmático de descartar para dominar, a frieza configura um sincretismo de valores passionais alternados entre o egoísmo, o individualismo, o interesse próprio e a negociação, a intolerância, o desprezo e a dissimulação. Na prática, tais valores concretizam-se em ações justificadas objetivamente, que podem, em maior ou menor grau, agenciar formas compositivas de programação, manipulação, exclusão ou união (Landowski, 2023)¹. Manifestações de frieza envolvem, assim, mecanismos de ordem cognitiva, passional e pragmática.

As reflexões de Barros (1990) sobre a indiferença são aplicáveis à frieza. Em acurada análise que faz das paixões, a autora trata da indiferença como postura de distanciamento emocional ou de reação decorrente do rompimento de certo contrato fiduciário, o que poderia definir tal estratégia modal como uma espécie de contenção emocional. Ou seja, diante de um golpe ou traição, o sujeito pode optar por se proteger de envolvimento passionais intensos, ou, ao entrar em revolta/em liquidação da falta, o sujeito pode envolver-se em percursos de vingança, de mágoa ou de hostilidade. Barros (1990) avalia, porém,

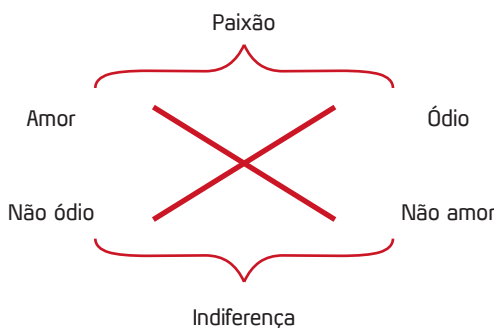
¹ Ao examinar as possíveis relações de interação social, Landowski (2023) distingue processos de assimilação ou de admissão (o outro como idêntico ou similar a si mesmo), e processos de exclusão ou cooperação (o outro como totalmente diferente ou como simplesmente diferente).

que a indiferença, quando pensada como negação do ódio, não tem igualmente uma denominação adequada, podendo ser designada como a condescendência ou a complacência, já que ambas implicam a boa vontade do sujeito do qual emana o ódio. Em síntese, a benevolência e a malevolência envolvem ou a hostilidade e/ou a atração de paixões estabelecidas a partir de um *querer-fazer* bem ou mal (Barros, 1990).

Mancini (2024) desenvolve essa questão ao retomar postulados de Pottier (1992) sobre as articulações internas do quadrado semiótico, postulando a existência de subdimensões nas relações contraditórias que explicariam as graduações. Para a autora, com base em Pottier e na esteira da semiótica tensiva (Fontanille; Zilberberg, 2001), as relações entre os valores semânticos nas articulações semióticas não são pontuais; na verdade, pressupõem contradições e implicações eletivas entre os termos ou redes categoriais (Mancini, 2024). O amor e o ódio são, assim, subdimensões da paixão, da mesma forma que o não amor e o não ódio são subdimensões da indiferença. Tanto a indiferença como a frieza carregam rastros de memória de outras paixões em suas articulações sintáticas, a depender do caminho que percorrem nos processos de contradição.

Como evidencia Mancini (2024), o percurso deve assumir ou a negação do amor ou a negação do ódio, de forma contraditória, conforme aparece no esquema que a autora retoma de Blanché (1967).

Figura 2 – Quadrado da paixão em Blanché



Fonte: Mancini (2024, p. 6).

Examinando as articulações lógico-semânticas desse esquema, afirma-se que a frieza corresponde à passagem da paixão à indiferença. Por conseguinte, paixão e indiferença são termos complexo e neutro, respectivamente, expressos

pelo jogo de oposição e de proximidade que surge entre amor e ódio. Correlatos de sentidos associam-se nessas zonas de negação (do não amor ou do não ódio), podendo ativar traços de um ou outro valor semântico.

Não se trata, portanto, de um único percurso passional, mas de passagens que revelam certo sincretismo passional, marcado pela transparência de paixões malevolentes nas ocorrências que serão examinadas. São casos em que a frieza decorre de um contexto em que nada existe além do interesse e da opinião pública – mesmo que estes firam outros sujeitos – e no qual ela se manifesta sob diversas formas passionais, sustentada pelo pressuposto de que, na sociedade da transparência, tudo pode ser dito, visto e realizado (Han, 2017).

Neste artigo, focalizamos a frieza pelas relações de contradição e implicação que mantém, com o amor e a sua negação, o não amor, sendo possíveis várias correlações nessa passagem. Aventamos, ainda, a hipótese de uma sutil distinção entre frieza e indiferença em certas circunstâncias e trajetórias. Em resumo, a indiferença pode ser reflexiva, voltada a uma ação nociva contra o próprio sujeito apaixonado, enquanto a frieza nos aparece como transitiva, voltada contra o outro. Essa é a chave de leitura do nosso raciocínio, que visa examinar semioticamente a tonicidade, o percurso e a disseminação da frieza como estado valorizado na atualidade, buscando afastar-se de compreendê-la como um desvio individual, normalmente efetivada pelo senso comum, conforme se pode ver no portal *Wikipedia*.

Para nosso argumento geral, no entanto, ambas são recortadas em seus vieses transitivos com respeito a outros sujeitos e à coletividade. Nesse cenário, ambas vão se definindo por meio de estratégias enunciativas e formas figurativas que as singularizam nas manifestações midiáticas, como se verá a seguir.

A ENCARNAÇÃO INDIVIDUAL E A POLÍTICA DA FRIEZA

Embora seja considerada a forma de subjetividade predominante do capitalismo, revelando-se ao longo dos séculos em eventos recorrentes desse modo de produção – e assim explicada como algo estrutural –, a frieza tem expressões acintosas em certos momentos ou períodos. Suas tematizações e figurativizações são tanto verbais como não verbais.

Como exemplo, têm-se os discursos do presidente estadunidense, Donald Trump, e as figurações de sua gestualidade corporal, associadas em diversos registros ao comportamento frio perante os conflitos sociais atualmente:

“lamenta ter que retirar os palestinos de Gaza, mas será para que tenham um futuro melhor, e a região tornar-se um polo importante de lazer e turismo”; “lamenta ter que tomar a Groenlândia, mas terá de fazê-lo” (Não, 2025).

Sua gestualidade facial é muito similar àquela dos *emoticons* que representam a expressão visual da frieza, como boca em forma de curva para baixo e olhos sem expressão emocional (retos ou oblíquos). Obviamente, essas figuras se baseiam em traços culturalmente estabelecidos para exprimir emoções. Há, assim, uma espécie de figurativização cristalizada para reconhecer certo papel temático dentro da sociedade ocidental, capaz de inferir imediatamente o perfil do sujeito frio, e, nas circunstâncias atuais, Trump parece atestar com intensidade esse caráter:

Figura 3 – Montagem comparativa entre Trump e um emoticon



Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Ações como expulsar imigrantes ilegais sem nenhuma condição de dignidade, separando filhos menores de seus pais, suspender a ajuda humanitária internacional em casos de grandes catástrofes, guerras e tragédias, para economizar gastos do governo considerados “excessivos”, são todas justificativas denunciadoras de um estado de frieza que beira o absurdo, mesmo compreendendo o contexto em que isso é possível.

No embate recente entre Israel e Irã, afirma não querer matar (ainda) o *líder supremo* (Não, 2025), Ali Khamenei, mas poderá fazê-lo depois, adotando uma postura decisória sobre vidas que podem ou não ser abolidas (Agamben, 2004). O problema não consiste em ser favorável aos Estados Unidos ou ao Irã, mas ao fato de que se enuncia ostensiva e cinicamente a decisão de matar alguém como poder soberano sobre o mundo. Assim como enuncia medidas surpreendentes, não raro as afasta ou rejeita, o que se revela um traço

a mais da indiferença sobre o impensado ou o manipulado para gerar efeitos preocupantes.

Adorno teria dito em conferência transmitida pela Rádio de Hessen, em 18 de abril de 1965, que apenas esse espírito do capitalismo é que teria tornado possível Auschwitz. Na ocasião, o autor se perguntava se haveria um outro futuro possível em que tal frieza em face do sofrimento humano não aconteceria mais. Um século mais tarde, indagamos quais são os efeitos da crescente frieza que acomete ainda boa parte da sociedade, do governo e da esfera política.

Em escala menor, ou mais próxima de nossa realidade, porém, vemos fatos inaceitáveis em face dos quais nos movimentamos com certa naturalidade na vida cotidiana: pensemos nas pessoas que tentam sobreviver nas grandes cidades, em condições extremas de pobreza, sem seguridade alimentar, saúde, acesso à educação ou acolhimento social; pensemos nos grupos étnicos que ainda clamam pelo pedaço de terra que lhes pertence de origem, no desrespeito às diferenças, na mortalidade infantil e no nível de analfabetização. Ainda que pesarosos, críticos, revoltados ou indignados, persistimos lutando pela nossa própria existência e a boa qualidade de vida de nossos familiares. O que é isso, senão uma frieza culturalizada em relação ao percurso incontrollável da história?

Fora do contexto individual e da própria trajetória histórica da humanidade, sob a ótica de diversos pensadores, a frieza circula livremente em sociedades marcadas pela polarização, por paixões intensas e por contrastes socioeconômicos acentuados. Ela impede que penetremos no absurdo de um mundo do qual reclamamos, e que em muitos aspectos carece de sentido, mas no qual, paradoxalmente, tudo parece se encaixar. Inclusive, exalta-se a necessidade da frieza como estratégia de defesa para continuarmos (r)existindo ou justificando a ação violenta para combater a violência. Isso é perceptível, por exemplo, na seguinte manchete: “Frieza policial também é feita de preparo e tática, diz especialista”, fala do então secretário de estado de Segurança Pública de São Paulo, Máximo Alves Barbosa Filho, em 2016, durante uma entrevista para a *Folha de S.Paulo*².

2 Na apresentação da primeira versão deste trabalho, foi nos perguntado como discernir essa frieza tática policial daquela exigida pelos médicos, por exemplo. O controle médico para poder agir com técnica, boa performance e eficácia em qualquer procedimento não deve ser confundida com a frieza em relação ao outro, o paciente, e seus familiares. Ao contrário, uma relação solidária é o princípio da confiabilidade e segurança. Certas atitudes médicas, de completo distanciamento, confirmam a lógica aqui criticada, em vez de negá-la, pois implicam a extensidade da frieza aos mais diversos setores das relações humanas.

Figura 4 – Manchete da *Folha de S.Paulo*



Fonte: *Folha de S.Paulo* (2016).

Mesmo que ações de natureza policial não pressuponham emoções ou paixões benevolentes, é importante observar que, em diversas ocorrências midiáticas, a frieza costuma ser confundida com atitudes e paixões malevolentes. Do mesmo modo, o sistema carcerário, que dá cumprimento às abordagens policiais neutraliza a ressocialização em prol da incrementação da violência aprendida em ambiente sórdido e de completa indiferença à dignidade humana³.

Se, inicialmente, a frieza pode ser considerada como o final de um percurso, em sua manifestação mais intensa, passa a ser um efeito de sentido passional que subsume outras paixões, ou seja, no mesmo passo em que naturaliza o completo desinteresse pelo destino de outrem e da humanidade, normaliza a explicitação enunciativa de sentimentos que deveriam ser combatidos. Esse fato é facilmente verificado nas redes sociais digitais, quando, ao se assumir como *hater*, violento/a, intolerante, caluniador/a, *cancelador/a*, uma pessoa confere transparência a si.

Entendemos transparência aqui nos termos de Bill-Chiung Han (2017), que a define como a pornografia do eu, em aberta visibilidade e dizibilidade de tudo. Assim, não bastando a frieza em relação a um entorno injusto, ela é mobilizada para chancelar sentimentos perniciosos em relação aos outros como efeitos de sentido passionais dentro da *normalidade* da condição humana e de suas idiossincrasias. Para Han (2017, p. 5), “as ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle”.

³ Para mais informações, consulte as páginas do perfil *Inside Prisons* no Instagram.

A normalidade, em aspectos de Landowski (2023), consiste na automação das atividades e das experiências cotidianas. É uma construção das interações sociais baseada na sensação de familiaridade ao sentimento de que as coisas devem ser como são. Há, nesse caso, uma busca pela normalidade/normatividade/consensualidade na manutenção das relações entre os seres. Referimo-nos a essa *naturalidade* com que encaramos aspectos de nossa realidade como um processo *natural*, que, no seio do qual os sujeitos frios “foram vistos dentro de nós nas nossas sociedades” (Lander, 2005, p. 8), bem ou mal teve de ser assim.

Se adentrarmos as veredas da filosofia contemporânea⁴, a normalidade pode emergir diante de situações de desumanização, vulnerabilidade e precariedade dos corpos, como códigos sociais que institucionalizam certas normas, em discrepâncias entre vidas dignas e indignas de serem vividas, situações em que a precariedade se mostra dominante, e em fatores socioeconômicos e desigualdades perpetuadas ao longo do tempo. Logo, há vidas que não possuem um apoio ou uma estrutura que as suporte, lançando tais formas de vida à “sua desvalorização como algo que, para os esquemas dominantes de valor, não vale a pena ser apoiado e protegido enquanto vida” (Butler, 2018, p. 165). Em resumo, nem todos os sujeitos vivos são dignos de direitos e de proteções, trata-se de um pensamento que evidencia a maneira como o social atravessa o sujeito e sua vida, revelando a tonicidade da frieza na contemporaneidade.

Na constituição dessa argumentação, que aqui emprestamos sob a ótica da normalização de narrativas, percursos passionais e discursos que expressam a frieza e a indiferença diante de situações de mazelas sociais, Butler (2018) dialoga diretamente com Adorno (1993), resgatando e atualizando as noções do alemão sobre *a vida boa*, principalmente diante das atuais formas de desigualdade, de exploração e das formas de apagamento que ocorrem no mundo.

Salienta-se que a noção de vida boa suscita diversas interpretações, algo controverso, sobretudo com a origem da expressão, que retoma as condutas morais aristotélicas e se contamina comercialmente nos atuais discursos publicitários. Por isso, Adorno (1993) questiona as relações entre a conduta moral

⁴ A concepção de normalidade em Butler (2009, 2017) é fruto de suas apropriações das teses foucaultianas sobre a constituição social das técnicas de repressão e de normalização dos corpos diante da “proliferação do corpo pelos regimes jurídicos” (Butler, 2017, p. 41), tanto pela emergência da psiquiatria quanto pela ascensão da justiça criminal, justaposição que adentra as instituições sociais e, consequentemente, a vida comum – é o caso das questões de gênero, por exemplo.

e as condições sociais, ao reconhecer que “as operações mais amplas de poder e dominação penetram ou interferem em nossas reflexões individuais sobre como viver melhor” (Butler, 2018, p. 224). No mesmo passo em que se busca legitimar um único caminho para a vida boa, percebe-se o descompasso entre os valores coletivos e as formas de vida individuais. Esses discursos verbais ressoam, sob novas sintaxes, em frases de efeito proliferantes na *internet*, proferidas tanto por pessoas comuns quanto políticas, corporificam-se visualmente nas postagens das redes sociais digitais e na publicidade, saudando condições hegemônicas para justificarem o viver bem ou melhor.

É curioso perceber como os pontos levantados por Butler (2018), a partir do conceito de *vida boa*, podem ser alinhados com a ideia de frieza social em Adorno (2024). Nas análises do filósofo, os indivíduos importam-se exclusivamente com aqueles aos quais há um sentimento de ligação afetiva ou sanguínea. No caso dos demais, que não partilham do mesmo convívio e afinidade, busca-se o interesse próprio, contra o interesse de outrem⁵. Essa postura também é notada por Butler (2018), sobre quais vidas são dignas de serem reconhecidas como vidas, nas instâncias de dignidade, direitos básicos e de luto. Ressalta-se aí o estudo das interações sociais na perspectiva semiótica articuladas de partida entre o mesmo e o outro.

No caso de nosso argumento, o que chama a atenção é a disseminação do efeito de frieza em relação a tudo o que diz respeito ao outro, na medida em que até o ato de matar se justifica, não mais pela honra, que já foi um absurdo insustentável de nosso sistema jurídico, mas por mera decisão própria (hoje ou daqui a duas semanas, quem sabe...) de um poder soberano, calcado na normalidade de regimes de exceção (Agamben, 2004). A imposição de tal neutralização – seja como estratégia, calculismo ou modo de ser mesmo – sobre a complexidade de nossos sentimentos é correlata a uma materialidade econômica manifestada em supremacia branca, multimilionária e agressiva, a qual constrói as próprias regras, acima de tudo e de todos, e ao bel-prazer de sua hora.

Evidentemente, reconhecemos que, desde os pensadores antigos, as mais diversas paixões são abordadas como manifestações de caráter e traços do comportamento humano. Em termos semióticos, a normalidade a que nos

5 Para Adorno (2024), tal postura exploratória entre os sujeitos na sociedade se distingue das constatações aristotélicas, que considerava a estrutura da sociedade a partir da atração genuína entre os indivíduos.

referimos diz respeito à dominância de valores e práticas dentro de estruturas socioeconômicas e culturais. Embora muitas delas sejam impactantes sob diversas perspectivas – ou até proibitivas no âmbito jurídico –, ocorrem com tamanha frequência que passam a ser publicizadas como *fait-divers* da vida cotidiana. Em situações tidas como normais, alimentam as mídias informativas e as redes sociais, impulsionadas pela espetacularização da notícia, pela especulação em torno de seus motes e pela troca de opiniões insultuosas nos ambientes digitais.

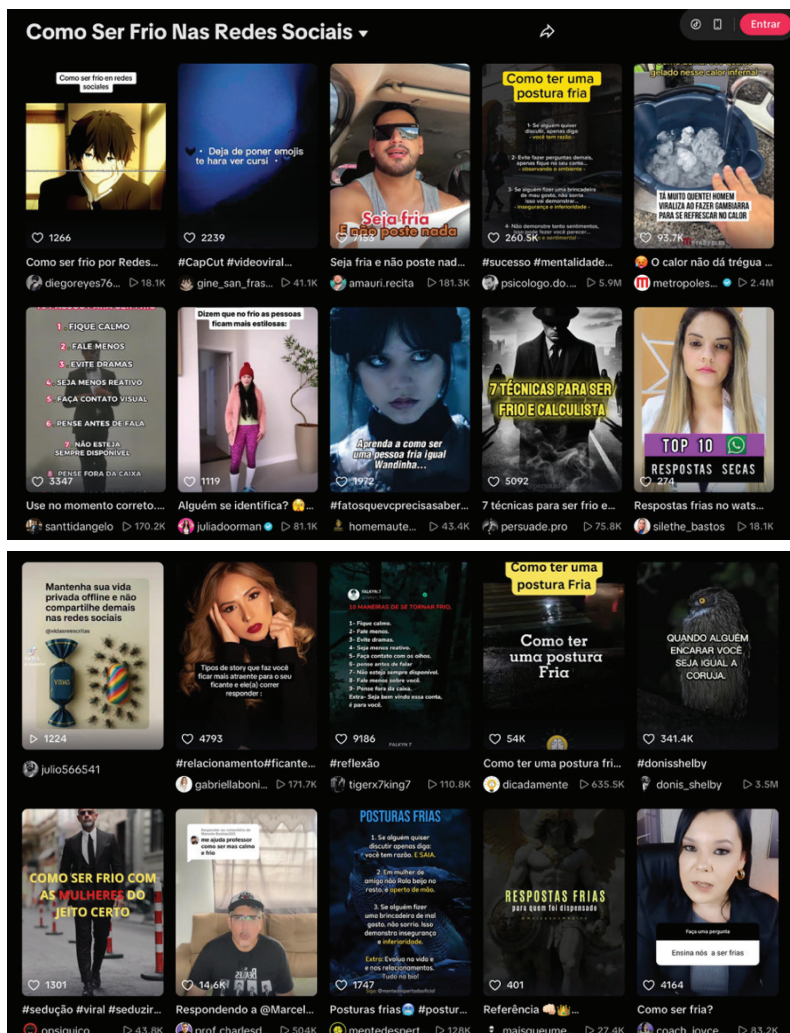
Sujeitos são *cancelados* e até mesmo linchados antecipadamente no ciberespaço, o que contribui para práticas na realidade física, em clara manifestação do olhar sobre o *completamente outro* analisado por Landowski (2023) nas relações interacionais. Aceitar essa situação com normalidade implica adotar certa forma de frieza que se aproxima, em termos penitenciais, da resignação religiosa de um lado, considerando que a falta, em termos greimasianos, pode gerar uma resignação; ou da lógica perversa e cínica de um pequeno mal para um grande bem, de outro⁶.

Neste artigo defendemos que houve, por parte do sujeito, um desencantamento diante de um contexto que instiga a polaridade, as disputas ideológicas e partidárias. Contudo, em vez de considerá-la apenas como resignação ou neutralidade, aborda-se a frieza/indiferença como um sincretismo passional que passa a ser valorizado como positivo em várias manifestações atuais.

Nas redes sociais, como o *TikTok*, encontram-se diversas páginas e/ou perfis destinados a transmitir técnicas para se tornar frio no ambiente digital, revelando tanto um procedimento de autodefesa em face do espaço conflituoso no qual as redes se converteram quanto a emergência de um objeto-valor cognitivo suscetível de assegurar poder nas relações sociais. Em tais técnicas, o silêncio seria um traço de ausência de sonoridade que, em oposição à fala, implicaria não comunicabilidade e, por decorrência, não sociabilidade, não afetividade; ou seja, seriam etapas para o sujeito adquirir uma modalização de contenção emocional, ao optar por se proteger de envolvimento passionais intensos, conforme aventado por Barros (1990).

6 Fazemos alusão nesse trecho ao teor irônico dos contos de Voltaire contra os discursos religiosos, em especial ao intitulado *Cosi-Sancta*.

Figura 5 – Resultado da busca sobre como ser frio nas redes sociais



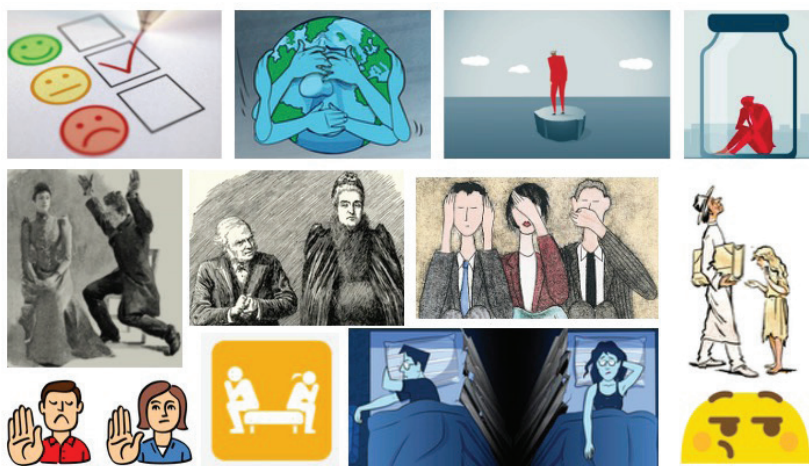
Fonte: Elaborada pelos autores, com base em buscas no TikTok (2025).

Aparece, em tais casos, a figura do sujeito calculista, que pode ser associado à forma de vida tecnocrata (Fontanille, 2018), já que trata da organização dos modos de vida incorporados em práticas, valores e condutas dominadas por regime de sentido mais cognitivo e menos patêmico, para além de uma mera estratégia enunciativa.

Igualmente, em ilustrações disponibilizadas pelo *Getty Images*, um dos principais bancos de imagens virtuais – replicados em diversos meios, publicitários,

jornalísticos e informativos –, encontram-se várias figuras da frieza e da indiferença, configuradas pela conjunção de traços reiteráveis como expressões que evitam manifestar emoções, gestos de pretensa superioridade e desprezo, distanciamento físico ou social, que implicam uma lógica imunitária, baseada em atitudes de triagem dos indivíduos (Quintana, 2021).

Figura 6 – Ilustrações sobre a frieza/indiferença



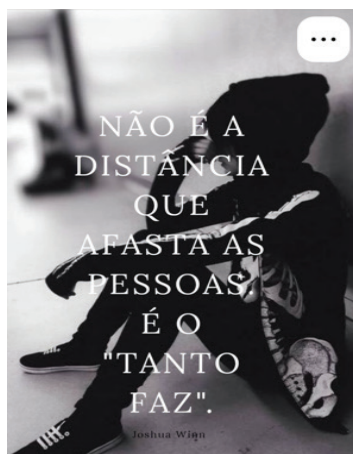
Fonte: Elaborada pelos autores, com base no acervo do Getty Images.

Em geral, há em tais figurativizações, determinações históricas e sociais inconscientes no discurso ou como concretizadoras da sensorialidade aos temas, revestindo os percursos temáticos (Greimas; Courtés, 1979). Com isso, a boca para baixo, que pode produzir diversos sentidos, em geral negativos, em combinação com olhos oblíquos ou mesmo retos, bem como um traço na frente, pode indicar frieza, indiferença, desdém.

Nos *emoticons*, o vermelho está associado à braveza; correlatos, o verde à afetividade, e o amarelo à frieza e ao desinteresse. É, inclusive, curiosa a associação com os sinais de trânsito, podendo entender que o amarelo é o neutro, como nos semáforos, quando não o é. Já o desenho indicando corpo ereto, para cima, cabeça erguida, pode se opor à curvatura do corpo, configurado por traços eidéticos que exprimem a imagem da menina que pede esmolas e do padre que a menospreza. Percebe-se que há tanto uma isotopia temático-figurativa quanto dos traços reiterados do plano da expressão (Fontanille, 2019), cristalizando um papel temático de sujeito frio/indiferente.

Aqui, não tomamos a frieza de um ponto de vista psicológico, nem da perspectiva corrente de um senso comum que a associa a psicopatas e assassinos⁷, postura que pode legitimá-la como um desvio e fracasso. Ao contrário, propomos que seja abordada em nossa própria cotidianidade, onde age de forma invisível e insidiosa. Tem a ver com o conceito de normalidade mencionado por Butler (2009), confrontado com formas de vida sobreviventes e *sub-existent*s, enunciadas como anônimas e excepcionais, figurativizadas na materialidade visual informativa ou de entretenimento em (con)formação com traços de sujidade, insuficiência, precariedade e violência, sem explicar os motes imperialistas e coloniais que as geraram. Em outros termos, a frieza é um efeito derivado de um estado de coisas em que o absurdo assume a compleição do normal, do *é assim* ou do *tanto faz*, como mostra a figura abaixo.

Figura 7 – Publicação do Pinterest



Fonte: Pinterest (2025).

A imagem foi retirada do *site Pinterest*, o que já indica o tipo de enquadramento do tema, uma vez que se inscreve no rol de imagens e frases a serem replicadas e curtidas pelo seu efeito emocional e pela percepção que deveria dar de um sujeito consciente.

⁷ Tal abordagem está presente no *site Wikipedia*, uma das principais comunidades virtuais que agrupa um acervo de conteúdos sobre diversas áreas, publicados por diversos internautas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Frieza>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando o que foi discutido anteriormente acerca das espetacularizações e noticiabilidades das mídias e redes sociais, vemos que a frieza não é combatida ao postular que os sujeitos linchados ou *cancelados* devem ser amados ou perdoados a partir de uma lógica de amor ao próximo (originada do pensamento cristão ocidental). Deve-se, em uma postura que coaduna com o que discutimos teoricamente, identificar a origem das paixões suscitadas nas redes digitais, entendendo que a postura de frieza diante de determinados acontecimentos é componente de um fator histórico ou estrutural, o qual encontra forte ressonância na sociedade atual.

Pode-se aventar caminhos de superação da frieza social, que passam por formas de resistência e de persistência, no caso de sujeitos que historicamente e culturalmente são vítimas comuns das mazelas sociais, as ditas minorias. Em Butler (2018), tal ponto consiste na luta contra a condição precária, no desejo por uma nova vida possível para ser vivida, expresso em formas políticas que assumem a necessidade de que os sujeitos têm de outros, para que possam viver *a vida boa*⁸. Trata-se do *viver juntos* defendido por Landowski (2023), ou em estimular práticas e reflexões que partam da própria realidade para “desbloquear potenciais emancipatórios” (Schütz, 2016, p. 123), em um movimento esperançoso que enxergue o Outro além do não-idêntico adorniano, por meio do exercício reflexivo como forma de evitar a indiferença e despontar a esperança. Embora tenhamos já explorado tais visadas em outros textos, não foi essa a tônica deste trabalho; aqui, intentamos abordar, entender e desenvolver semioticamente como se delineia a frieza social, buscando resgatar seu percurso e sua presença no cenário atual.

The tone of coldness in a society of transparent emotions

Abstract

Coldness can be considered from both a circumstantial and structural perspective, in personal or collective relationships. Our focus is on coldness in the face

⁸ Em pesquisas anteriores, exploramos a dimensão política das manifestações de mulheres, na vertente da ação de confrontação das formas de violência e formas de dignidade – cf. Caetano e Rigoni Filho (2024) – e, em 2025, as formas de vida da exclusão – cf. Caetano e Rigoni Filho (2025).

of humanity's ills, and arising from predatory interactions manifested in the media and on digital networks. Its historicization, in various critical thoughts, points to a trajectory that is semiotically outlined as the result of a passionate journey that goes back to the constitution of modern society. To a greater or lesser degree, manifestations of coldness can trigger forms of manipulation, conjunction or separation, which involve cognitive, passionate and pragmatic mechanisms. They are also expressed through values, strategies, practices and ways of life, marked by figurative and discursive components.

Keywords

Coldness. Passions. Enunciation.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2024.
- ADORNO, T. *Minima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. São Paulo: Zahar, 2014.
- AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BARROS, D. L. P. de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*, n. 11-12, p. 60-73, 1990. Disponível em: <https://encurtador.com.br/MmRIe>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- BLANCHÉ, R. *Structures intellectuelles*. Paris: J. Vrin, 1967.
- BUTLER, J. *A vida psíquica do poder*: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. São Paulo: José Olympio, 2018.
- BUTLER, J. Desdiagnosticando o gênero. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Xg4SdtQL64jBYZgm9q4MyMH/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- CAETANO, K.; FILHO, J. C. R. Modos de viver, situações de exclusão, dignidade humana: desdobramentos da alteridade e da interação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 34., 2025, Curitiba. *Anais eletrônicos [...]*. Curitiba: Compós, 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/BlvnQ>. Acesso em: 14 out. 2025.

CAETANO, K.; FILHO, J. C. R. Vulnerabilidade, vitimismo, confrontação, ação política: discursos e performances femininas contra a violência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 33., 2024, Niterói. *Anais eletrônicos* [...]. Niterói: Compós, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/GzFrW>. Acesso em: 14 out. 2025.

FACCI, D. T. da S.; GALUCH, M. T. B. Frieza burguesa: apontamentos para uma teoria da formação da subjetividade moderna. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, v. 41, n. 1, p. e38952, 3 maio 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3073/307360096009/307360096009.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FONTANILLE, J. *Formas de vida*. Lima: Universidad de Lima; Fondo Editorial, 2018.

FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2019.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas; FFLCH; USP, 2001.

FRIEZA policial também é feita de preparo e tática, diz especialista. *Folha de S.Paulo, Cotidiano*, 17 maio 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1773324-frieza-policial-tambem-e-feita-de-preparo-e-tatica-diz-especialista.shtml>. Acesso em: 26 jun. 2025.

GELO. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999. p. 843.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

HAN, B.-C. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 8-23.

LANDOWSKI, E. Pour une grammaire de l'altérité. *Revista Acta Semiotica*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 79-94, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/62453>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MANCINI, R. A dinamização como valor no modelo de Bernard Pottier. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/17109>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARSCIANI, F. Les parcours passionnels de l'indifférence. *Actes Sémiotiques: Documents*, n. 53, p. 5-30, 1984. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/3826>. Acesso em: 24 jun. 2025.

NÃO vamos matar o líder supremo do Irã, pelo menos por enquanto, diz Trump. *G1 – Mundo*, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/17/nao-vamos-matar-o-lider-supremo-do-ira-pelo-menos-por-enquanto-diz-trump.ghtml>. Acesso em: 26 jun. 2025.

POTTIER, B. *Sémantique générale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

PUCCI, B. Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, v. 10, n. 172, 2012. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/172cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

QUINTANA, L. *Rabia: afectos, violencia, inmunidad*. Barcelona: Harder, 2021.

SCHÜTZ, R. O caráter formativo do não-idêntico. Uma reflexão a partir da Dialética Negativa de Th. W. Adorno. *Constelaciones. Revista de Teoría Crítica*, [s. l.], v. 6, n. 6, p. 104-121, 2016. Disponível em: <https://constelaciones-rtc.net/article/view/855>. Acesso em: 14 abr. 2025.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.